

Cemitério dos Ingleses – o céu por testemunha

Cemitério dos Ingleses – the heavens as a witness

Henrique Sérgio de Araújo Batista

Doutor em História Social pela UFRJ
henrique.sab@uol.com.br

RESUMO: O Cemitério dos Ingleses foi a primeira necrópole não católica erguida fora dos muros das igrejas na cidade do Rio de Janeiro, em 1811, o que possibilitou novas formas de sepultamento e diferentes olhares em torno da finitude. Muito visitado pelos viajantes e também por moradores, o cemitério britânico torna-se fundamental para analisar as atitudes diante da morte, na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, já que, entre outros aspectos, com sua criação, foi possível erguer jazigos individualizados.

Palavras-chave: Cemitério dos Ingleses; culto aos mortos

ABSTRACT: *The Cemitério dos Ingleses was the first non-Catholic cemetery in the city of Rio de Janeiro to be built outside of church grounds. It opened in 1811 and made possible new forms of interment and a new view of finitude. The British cemetery was much visited by travellers, as well as by the city's inhabitants, and is vital for analysing attitudes towards death in 19th century Rio de Janeiro, as, among other aspects, it became possible to erect individualised family vaults after its creation.*

Keywords: *Cemitério dos Ingleses; honouring the dead*

Em 27 de novembro de 1830, William Broadbent publica, no *Jornal do Commercio*, anúncio, informando que, após longos anos de atividade como escultor, em oficinas de Londres e Paris, oferecia seus serviços para trabalhar, reparar e polir obras de mármore. Além da rapidez e dos preços módicos, Broadbent anunciava a perfeição de seu trabalho, como também de ser possuidor de novos e coloridos mármore. Segundo o mesmo informe, o escultor londrino encarregava-se de obras para igrejas, de túmulos, brasões de armas e inscrições douradas e bronzeadas. É possível que, por estar iniciando seu ofício no Rio de Janeiro, o britânico Broadbent ainda não tivesse uma oficina própria e indicasse, como local a ser encontrado, a casa de um possível compatriota, o marceneiro Perry, “na rua detrás do Hospício canto da Conceição” (*Jornal do Commercio*, 27/11/1830), atual rua Buenos Aires.

Quais os sentidos do vocábulo “túmulos” em tal comunicado? Para os que professavam o catolicismo no ano de 1830, é provável que o sentido fosse único: urnas de mármore ou de madeira para depósito de ossos e cinzas, já que, à época, não era prática o erguer de jazigos de mármore no interior dos templos ou em seus jardins. Para os que não comungavam do catolicismo romano, seria possível a aquisição, junto ao escultor, de túmulos com diversos formatos, até mesmo de urnas, para serem erguidos no Cemitério dos Ingleses, localizado à beira-mar.

O Cemitério dos Ingleses foi a primeira necrópole não católica a céu aberto da cidade do Rio de Janeiro. Em 1809, Lord Strangfort, que havia obtido a autorização para construir uma necrópole protestante, compra a chácara de Simão Martins de Castro e, a partir de 1811, começam os sepultamentos (Cardoso, 1987). Os jazigos dessa necrópole serviram de modelo para outros, erguidos nos cemitérios católicos, já que os visitantes de tal necrópole, que não eram somente aqueles que professavam a religião católica romana, ao presenciar sepultamentos, ou visitar a área, tomavam conhecimento dos modelos de arquitetura tumular ali colocados.

Os jazigos do Cemitério dos Ingleses apresentavam uma modalidade de sepultamento diferente das praticadas no interior das igrejas. Existem duas diferenças entre esses sepultamentos: a sepultura no Cemitério dos Ingleses é extramuros e, em tal necrópole, é possível erguer artefatos perpétuos, com diferentes formatos. As experiências visuais, decorrentes da visitação ao referido cemitério, possibilitaram uma ampliação da competência visual (Baxandal, 1991) em torno da finitude, visto que os modelos de cemitério e de túmulos eram diferentes dos católicos. Com o cemitério britânico, outras referências visuais se apresentam, mas tal habilidade visual não seria uniforme, nem a interpretação dos jazigos. A interpretação das imagens depende não só do contexto histórico da qual faz parte, mas também, da capacidade cognitiva individual, da diversidade da habilidade de olhar, que não é igual para todos. Embora o domínio dos códigos seja compartilhado, não é sempre igual, pois os sujeitos sociais são informados de formas diferentes (Baxandal, 1991).

O sepultamento do almirante inglês Michael Seymour (*Jornal do Commercio*, 14/07/1834) foi um dos momentos em que o Cemitério dos Ingleses recebeu expressivo número de visitantes, como também o de Thomaz Bedwell, que foi presenciado por trezentas pessoas (*Jornal do Commercio*, 10/10/1827). O caixão foi acompanhado por escaleres com bandeiras da pátria do falecido, da França, dos Estados Unidos e do Brasil. Após o desembarque do caixão, iniciou-se a formação do cortejo, tendo à frente a música, em marcha fúnebre; em seguida os capelães e cirurgiões da esquadra britânica e, após estes, o comandante da corveta “Satellite” iniciava, antes do caixão, a apresentação dos objetos que simbolizavam o oficial morto: as insígnias militares, o colar e a comenda da Ordem do Banho (Ordem inglesa) sobre almofadas, que eram portadas por dois tenentes da nau “Spartiate”.

No século XIX, o uso dessa simbologia não se restringia às cerimônias fúnebres realizadas nos templos. Nos cemitérios, quando o morto era militar, era costume esculpir armas e comendas no túmulo. No século XX, também são encontrados, nos jazigos de militares, símbolos que os identificam. Todavia, ocorre a substituição da pedra por outro material: o bronze.

Carregado nos ombros por oito marinheiros, o caixão do militar inglês estava coberto por um pano negro, sobre o qual foi posta sua espada. O pano foi seguro por três oficiais de cada lado: à direita, o capitão de corveta mais antigo da divisão britânica, o comodoro americano e o contra-almirante francês, Barão La Treyle; à esquerda, o cônsul inglês Robert Hesketh, o comandante Taylor da fragata brasileira “Príncipe Imperial” e, o ministro Fox, plenipotenciário de Sua Majestade Britânica. O filho do falecido, tenente Seymour, vinha após o caixão e era seguido pelos mais graduados oficiais da divisão britânica. Somente após os oficiais ingleses, estavam as autoridades brasileiras, o corpo diplomático, os negociantes ingleses, amigos do morto. A formação do cortejo foi encerrada por filas, formadas, cada uma, com quatro oficiais e aspirantes de diversos navios de guerra. Para assistir tão pomposa cerimônia, um significativo número de pessoas:

Tão grande era a multidão, que os poucos Guardas Permanentes, que se haviam postado às portas do cemitério, mal chegaram para manter a ordem e até houve necessidade, depois de haver entrado o cortejo, de se fecharem as grades, para evitar uma confusão indecente, que ia crescendo pelo concurso de indivíduos da mais ínfima classe: tornaram-se depois a abrir para dar passagem à tropa inglesa, que foi formar-se aos dois lados da cova preparada para o cadáver (*Jornal do Commercio*, 14/07/1834).

É possível que algum dos participantes do sepultamento do almirante inglês, morto aos 65 anos de idade, possa ter erguido um jazigo após a inauguração dos cemitérios extramuros católicos da Corte. Se a relação dos brasileiros presentes tivesse sido publicada, poderíamos confirmar tal possibilidade. Até a data do sepultamento do militar inglês, o único mausoléu vertical ainda era o de D. Pedro Carlos. Ao se visitar tal necrópole a céu aberto, estava-se constituindo percepções visuais acerca de novas referências arquitetônicas tumulares em um cemitério.

O olhar de cada partícipe do sepultamento do militar Seymour constituiria, a partir de suas referências, os sentidos da cerimônia e dos artefatos existentes na necrópole britânica, pois a imagem não aparece autônoma e os seus sentidos são produzidos a cada olhar, por seus observadores, em um momento específico de tempo e lugar (Sturken e Cartwright, 2001). Nesse sentido, sua interpretação relaciona-se com a capacidade do observador em estabelecer conexões dessa imagem com outros códigos, outras imagens.

Outra possibilidade de uma experiência visual, em geral e não apenas a partir da visitação ao Cemitério dos Ingleses, era feita por intermédio de publicações que traziam gravuras da cidade do Rio de Janeiro, como a “Folhinha nacional brasileira e pitoresca”. Em 9 de outubro de 1837, tal publicação foi anunciada no *Jornal do Commercio*, pelo preço de mil réis (1\$000), com:

lindas vistas desta baía de Botafogo, da Igreja da Candelária, do Campo de Honra, de Santa Teresa, do Passeio Publico, dos aquedutos de Santo Antônio, do largo do Paço, de São Cristovão, dos Lázaros, da ponta do Caju, do Cemitério dos Ingleses, da Glória, etc, etc., etc muito bem executadas (*Jornal do Commercio*, 09/10/1837).

É possível afirmar que o Cemitério dos Ingleses tenha sido escolhido para fazer parte desse elenco, por ser o primeiro cemitério não católico e fora dos limites da cidade, na época em que fora criado, quando debates sobre os perigos das inumações dentro das igrejas já se faziam presentes nos periódicos. Talvez, o principal motivo da referida escolha tenha sido a localização privilegiada da necrópole. Segundo Maria Graham, da necrópole descortinava-se uma das mais belas vistas da cidade. Em seu diário, referente à segunda estadia no país, Maria Graham, quando escreve sobre o dia 29 de setembro de 1823, relata sua visita ao hospital da Santa Casa e descreve o cemitério da referida instituição como “tão pequeno que chega a ser desagradável e, segundo creio, insalubre para a vizinhança” (Graham, 1990, p. 366). Como a ida à Santa Casa ocorrera no turno da manhã, é possível que Maria Graham tenha visitado o cemitério britânico à tarde:

Fui hoje, a cavalo, ao cemitério protestante, na Praia da Gamboa, que julgo um dos lugares mais deliciosos que jamais contemplei, dominando lindo panorama em todas as direções. Inclina-se gradualmente para a estrada ao longo da praia; no ponto mais alto, há um belo edifício constituído por três peças: uma, serve de lugar de reunião ou às vezes de espera, para o pastor; uma, de depósito para a decoração fúnebre do túmulo e o maior, que fica entre os dois, é geralmente ocupado pelo corpo, durante as poucas horas (pode ser um dia e uma noite) que, neste clima, podem decorrer entre a morte e o enterro; em frente deste edifício ficam as várias pedras e urnas e os vãos monumentos que nós erguemos para relevar nossa própria tristeza; entre estes e a estrada, algumas árvores magníficas. Três lados deste campo são cercados por pedras ou grades de madeira. [...] Na minha doença, muitas vezes entristecia-me por não conhecer este cemitério. Estou agora satisfeita e, se a fraqueza que ainda me resta, atirar-me aqui, os muito poucos que vierem ver onde jaz a amiga não sentirão o aborrecimento da prisão (1990, p. 366).

Por sua nacionalidade, é provável que Maria Graham esteja se referindo às práticas, em sua terra natal, dos sepultamentos ocorrerem em jardins ao lado dos templos, ao afirmar que, caso fosse sepultada no cemitério britânico, seus amigos não se sentiriam em uma prisão. O visitante de um cemitério inglês não se sentiria “aprimado”, ao contrário do que ocorreria no interior das catacumbas de uma igreja.

A descrição do cemitério, assim como Maria Graham o fez, foi elogiada por Walsh, que peremptoriamente afirma: “O lugar é lindíssimo; fica situado num declive que se projeta na direção do mar” (Graham, 1990, p. 221). Talvez, a formosura do local tenha desagradado outro viajante, que o considerou apropriado para uma casa e não para uma necrópole (Luccock, 1975). Frequentado por D. Pedro I^o, o cemitério mediria entre três a quatro acres. Em seu interior, existiam algumas árvores e, ainda de acordo com Walsh, haveria uma proposta de se plantar outras.

O Cemitério dos Ingleses foi retratado em várias gravuras, indicando certo interesse nesse novo lugar de sepultamento. Os diários de Maria Graham foram publicados na Inglaterra, em 1824, com gravuras de Edward Findem, a partir dos desenhos da própria Maria Graham. A gravura existente no “*Diário de uma viagem ao Brasil*” pode ter sido uma das primeiras que retratou o Cemitério dos Ingleses, devido à data de sua publicação. Embora a capela seja descrita por Maria Graham em suas três divisões e nos usos de cada uma delas, a gravura exibe-a parcialmente e ocupa pequena área na extremidade esquerda, pois dois terços da imagem são ocupados pelo morro da Gamboa, pelas águas do Saco do Alferes e pela ilha das Moças.

A parte inferior da gravura é ocupada pelo cemitério, com a necrópole e suas pedras tumulares de cabeceira, fixadas verticalmente ao solo e túmulos cercados por grades de ferro. Embora não apareçam, Maria Graham menciona urnas e “os vãos monumentos que nós erguemos para relevar nossa própria tristeza” (Graham, 1990, p. 366). Quais seriam os sentidos do vocábulo “vãos”, quando a escritora inglesa se refere aos túmulos? Uma das possíveis interpretações é a crença, por parte da viajante, na ineficácia dos artefatos de pedras para atenuar a dor e a saudade dos entes queridos falecidos. Seria possível interpretar que, mesmo feitos em pedra, os túmulos seriam “vãos”, inúteis, pois na peleja entre o lembrar e o esquecer, este seria o vencedor? Ou estaria Maria Graham se referindo à vaidade, como modelo de atitude frente à finitude? Independente de possíveis respostas a esses questionamentos, a visita de Maria Graham ao cemitério não foi em vão, pois suas palavras e as imagens de seu livro permaneceram.

As palavras de Maria Graham, juntamente com a imagem do cemitério, formam percepções visuais em torno de padrões tumulares que iriam servir de modelo para os túmulos erguidos nas necrópoles da cidade do Rio de Janeiro após a proibição das inumações dentro das igrejas. Na gravura, pode-se notar a existência de inscrições nas lápides que possivelmente identificavam os mortos. Nesse sentido, ao contrário das inumações nos

templos, no Cemitério dos Ingleses existia uma individualização do falecido. Os túmulos erguidos nessa necrópole apresentam atitudes diferentes das dos católicos frente à finitude. Tal diferenciação, em certo sentido, só se tornaria prática para os católicos, ao serem construídos os primeiros cemitérios, pois, quando do sepultamento nos templos, as sepulturas não tinham identificações, eram anônimas. A individualização inicia-se apenas quando as famílias dos falecidos começaram a requerer os ossos dos entes mortos para depositar em urnas.

Cronologicamente, a gravura seguinte que retrata a necrópole seria a do negociante inglês Richard Bate, de 1835. Entretanto, suas aquarelas somente seriam publicadas em um álbum litográfico, no Brasil, em 1965 e, portanto, os jazigos reproduzidos não poderiam ter servido de modelos. Uma instigante indagação, não somente para a gravura de Bate, mas para todas as que retratam a necrópole britânica, seria a que questiona a fidelidade entre os jazigos construídos e os que foram retratados nas gravuras.

Não busco elucidar quão exatas tais gravuras são, ou apresentar os diversos olhares de uma viajante sobre uma terra estrangeira. Creio ser possível encontrar indícios de uma preocupação documental dos que buscaram retratar a cidade do Rio de Janeiro. Ao analisar a obra de Debret, Rodrigo Naves afirma que, ao retratar determinadas atividades, Debret buscava “compor um painel razoavelmente completo da cidade” (Naves, 1997, p. 83). Alguns dos que produziram imagens do Rio de Janeiro possuíam habilidades de desenhista, como Thomas Ender. Outros eram pintores amadores, como o inglês Henry Chamberlain. Ao analisar as obras de Thomas Ender e as de Henry Chamberlain, Rodrigo Naves afirma que os mesmos fracassaram ao tentar estabelecer uma aceitável junção entre os homens e os ambientes nos quais foram inseridos (Naves, 1997). Todavia, ao utilizar as gravuras que retratam o Cemitério dos Ingleses, busco não somente encontrar modelos de artefatos tumulares que possam ter exercido uma possível influência naqueles que seriam erguidos nas necrópoles da cidade, como também, ao cotejar gravuras do século XIX e fotografias tiradas em 2007, identificar aqueles que ainda são encontrados na referida necrópole.

Duas gravuras² permitem uma identificação singular dos túmulos erguidos no Cemitério dos Ingleses: a de J. Schütz, de 1850 e a de Sebastien Sisson, de 1855. As gravuras de J. Alfred Martinez (1847), Richard Bate (1835), barão de Planitz (1832-1838), João Diogo Sturz (1837) e L. A. Buvelot (1840) apresentam o cemitério como parte de um cenário maior, que inclui o então chamado Saco da Gamboa, com suas casas e trapiches. Embora a gravura de João Diogo Sturz faça um recorte nessa paisagem e o cemitério seja o enfoque principal (afinal, o título da gravura é “A capela inglesa – O Cemitério dos Ingleses”), não é possível buscar nela tal identificação, pois Sturz não retratou em detalhes os artefatos tumulares. O que todas as gravuras têm em comum é que a necrópole foi retratada delimitada por muros.

Quando Maria Graham retratou a capela – estrutura arquitetônica presente em quase todas as gravuras, ausente ou encoberta pela vegetação, na de J. Alfred Martinez – esta se localizava no alto de uma pequena elevação coberta por relva. Não é possível

rastrear as modificações, mas, em 1835, Richard Bate retrata a capela sobre uma base retangular de alvenaria que a circunda e essa configuração permanece até hoje.

Os jazigos, na gravura de Schütz, ocupam principalmente o espaço declivoso, em frente à capela. Assim como os retratados por Maria Graham, alguns túmulos estão cercados por grades de ferro e outras lápides fincadas no chão. Localizado ao centro da necrópole, ergue-se uma coluna, encimada por uma urna, cujo padrão se fará presente nas necrópoles da Corte. Seria possível identificar, nos dias de hoje, qual seria esse túmulo? A importância de tal identificação é descobrir o período de sua construção, para fundamentar a hipótese de que os padrões arquitetônicos existentes no Cemitério dos Ingleses serviram de modelo aos que posteriormente foram erguidos, em outras necrópoles, na cidade do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, não objetivo provar qual seria a contrapartida, em pedra, do existente na gravura de Schütz, já que esta seria, no mínimo, desde o início, uma tentativa fadada ao fracasso, pois tal gravura não é a cópia fiel do cemitério, se é que tal seja possível. Busco, sim, encontrar jazigos que tenham características arquitetônicas similares à da gravura e que, possivelmente, foram erguidos antes de 1850, data do trabalho de Schütz. E, nessa procura, três são os elementos que fundamentam minhas escolhas: configuração física, localização e datação.

O primeiro jazigo seria o do nobre inglês George-Joseph Stanhope. Falecido em 25 de novembro de 1828, com 22 anos, *at sea*³, cujo pai era o 4th Earl Stanhope, Philip Henry Stanhope (1781-1855). Não é possível precisar em qual data o jazigo foi erguido. Caso houvesse familiares do morto na Corte, talvez o túmulo tivesse sido erguido em uma data mais próxima ao sepultamento, já que jazigos com tipologia semelhante ao de George-Joseph Stanhope foram erguidos no Cemitério Britânico de Lisboa, em sua maioria, no período de 1800 a 1830 (Queiroz, 2002). Também, no primeiro cemitério público de Lisboa, o dos Prazeres (1833), túmulos foram construídos com as mesmas características do de Stanhope, como o de número 3, que conhecemos pela foto existente na publicação *Revista dos Monumentos Sepulchraes* (1868), já que, posteriormente foi substituído por diferente artefato.

O jazigo é composto por pedestal paralelepipedal na vertical, encimado por urna cinerária, decorada com gomos, tendo o brasão do falecido em relevo, em uma das faces do pedestal. Nas variações desse padrão tumular, a urna pode vir total ou parcialmente coberta por uma toalha fúnebre, ou ser flamejante; embora possa ter existido algum exemplar com urnas flamejantes, no Cemitério dos Ingleses, atualmente não existe ali nenhum jazigo, cuja urna tenha tal formato. Para Douglas Keister, a urna e o salgueiro foram os primeiros símbolos funerários usados após a Guerra da Independência Americana e que substituiriam a imagem da caveira (Keister, 2004).

É no relato do capelão Robert Walsh, que veio na comitiva de Lord Strangford, que encontramos dados sobre o falecimento e o enterro de George-Joseph Stanhope, que não faleceu no mar (*at sea*), mas na residência do referido religioso, com vista para a baía, levado

para lá na tentativa de restabelecer sua saúde. Aliás, o falecido havia saído da Inglaterra em busca dessa recuperação. Apesar de apresentar um quadro de melhora, o chamado por Walsh de “*nosso amiguinho*” (Walsh, 1985, p. 221), teve sua moléstia agravada e morreu. As exéquias foram celebradas por Walsh, na capela do cemitério, que deixou emocionada descrição:

Foi aí que officiei o último serviço religioso para o nosso jovem amigo que atravessara o Atlântico à procura da saúde que não pode encontrar; senti como se nunca tivesse cumprido um dever mais triste e solene. Os infortúnios das pessoas adultas são conseqüências naturais, e já esperadas, da fragilidade de nossa natureza precível. Mas, quando é da vontade de Deus que um jovem seja atingido, o que vemos é a árvore da vida ser prematuramente arrancada, quando devíamos vê-la verde florescente. Por enquanto existem poucas lápides construídas no cemitério, indicando o local dos que partiram; mas foi enviado da Inglaterra um mausoléu, para designar o lugar onde os restos desse jovem seriam depositados. É o primeiro monumento a ser erguido aí. Compõe-se de uma urna colocada sobre pedestal de mármore negro, com emocionante dedicatória do seu pai (Walsh), 1985, p. 221).

A partir desse relato, é possível afirmar que o jazigo foi erguido em data próxima ao falecimento e que seu formato corresponde ao descrito, embora o negro mármore tenha sido substituído pelo branco. Outra importante informação é a origem inglesa do jazigo que, provavelmente, foi enviado pelo pai do jovem morto. Revelador também é, segundo Walsh, tratar-se do primeiro mausoléu vertical da necrópole e da introdução de um novo padrão tumular. É provável que o mármore de cor preta tenha sido utilizado nos cemitérios ingleses no século XIX; todavia, tal tonalidade, com possíveis e desconhecidas exceções, será uma das características das necrópoles, em meados do século XX, com predomínio de outro tipo de pedra: o granito.

Na área em frente à capela, existe outro jazigo que talvez faça parte da gravura de J. Schultz. Todavia, como falta o elemento que o completa não se pode enquadrá-lo no padrão tumular de pedestal encimado por urna. É possível que existisse um volume piramidal; entretanto, nessa necrópole, quando a pirâmide faz parte da estrutura tumular, está assentada sobre um pedestal com dimensões menores que o tal jazigo. A singularidade desse túmulo – de Johann Daniel Deussen, falecido aos 37 anos de idade, em 1834 – reside no material em que foi feito e que não encontra similar: o ferro. Grades e portões de ferro foram utilizados, nos cemitérios católicos, com certa regularidade, mas, com certa parcimônia, no inglês. Escassos foram os jazigos erguidos tendo o ferro como o elemento principal de sua constituição e não secundária, como o uso de grades desse material. Em Recife (PE), existem alguns jazigos feitos de ferro, no Cemitério dos Ingleses e uma das possíveis razões dessa prática vincula-se ao fato de a principal fundição da cidade ser de propriedade de ingleses.

Em uma face do jazigo, existe um friso vegetalista, com folhagem de carvalho e, ao centro, uma coroa de louros, tendo escrito, no seu interior, *DENK MAL* (monumento, memorial). Segundo o historiador português Fernando Catroga (1999), embora a deposição de flores nos túmulos seja uma prática anterior à civilização egípcia, somente no século XIX ocorrerá

revalorização do elemento floral, em decorrência, tanto do discurso higienista, quanto de um novo culto aos mortos. O depositar de flores no túmulo torna-se o momento central desse culto.

O carvalho é considerado o “rei das árvores” e suas folhas e flores podem simbolizar o poder da fé cristã, mesmo em tempos de adversidade (Keister, 2004). A coroa de louros representaria a imortalidade e sua associação com a eternidade deriva de suas folhas que nunca murçam (Catroga, 1999). Tais sentidos simbólicos, caso não fizessem parte do horizonte de crenças de seus construtores e visitantes da necrópole, tornar-se-iam, apenas, elementos decorativos do artefato tumular (Catroga, 1999).

Passados três anos de seu estabelecimento no Rio de Janeiro, Sebastián Auguste Sisson faz uma litografia do Cemitério dos Ingleses que apresenta algumas diferenças em relação à de Schütz, como a existência de uma grade de proteção demarcatória do fim do passeio e início do mar, tendo sido posicionada a capela da necrópole frontalmente para o observador. Outra diferença é que, na gravura de Schütz, a capela parece ser formada por três edifícios geminados, tendo, cada um, seu respectivo telhado. Talvez a visão parcial da cobertura da capela possa ser explicada pela localização do artista, ao retratar o sítio que, no caso de Schütz, encontrava-se em um ponto acima do nível da capela. A fachada da capela, na gravura de Sisson, tem mais similitude com a configuração atual do edifício.

É possível afirmar que o Cemitério dos Ingleses foi criado seguindo o modelo do *churchyard*, embora não tenha capela para cultos, pois a da referida necrópole, segundo Maria Graham, era utilizada apenas para os ofícios fúnebres. Na Inglaterra, era prática o sepultamento tanto no templo, quanto no terreno em volta da igreja. De acordo com Clare Gittings, ao estudar o morrer na Inglaterra, no período compreendido entre 1558-1660, a grande maioria dos que morreram neste país, no período estudado, foi enterrada em *churchyard*, em covas sem identificação (Jupp e Gittings, 2000). Desde o século XII, existiam lápides no interior dos templos, identificando representantes de elites e, segundo Rosemary Horrox (Jupp e Gittings, 2000), o templo poderia se tornar um livro aberto da história familiar.

No período intitulado por Ralph Houlbrooke de “a época da decência” na Inglaterra, as lápides com epitáfios foram os mais populares memoriais, apesar de já serem erguidos, no interior dos templos, esculturas e bustos dos falecidos. Alguns desses epitáfios celebravam virtudes pessoais e públicas. “Mais numerosas, todavia, foram inscrições, as quais não informavam, de maneira alguma, as qualidades pessoais do morto, mas simplesmente forneciam os dados básicos da idade e da data da morte, juntamente com o lugar de residência e nomes de amigos próximos” (Jupp e Gittings, 2000, p. 196)⁴. As gravuras da década de 1850 retratam a necrópole britânica, na Gamboa, demarcada por muros, como a indicar fronteiras que não poderiam ser transpostas – um enclave anglicano nos domínios da religião oficial do Estado.

Se podemos falar de certa influência dos padrões tumulares do Cemitério dos Ingleses, como o jazigo de George-Joseph Stanhope, nos primeiros erguidos nas necrópoles da

cidade do Rio de Janeiro, é possível que túmulos erguidos nas necrópoles católicas também tenham servido de modelo para outros, erguidos na britânica. Ao final da segunda metade do século XIX, o comércio de artefatos tumulares já era significativo e iria se consolidar nas décadas seguintes, com o aumento de lojas de mármore, como mostram as que estão listadas no *Almanack Laemmert*. Túmulos com formato de arca tumular, introduzidos com o mausoléu de D. Pedro Carlos, foram erguidos nos cemitérios do Rio de Janeiro, com diferentes dimensões, alguns acompanhados de esculturas. No Cemitério dos Ingleses, foi erguido um túmulo, com esse formato, o do médico francês Jean Baptiste Senechal (1849), segundo a lápide, por amigos agradecidos. Construiu-se uma base alta para a colocação do túmulo. Como se localiza em área posterior à capela, tal base possibilitou maior destaque para o referido jazigo. Sobre a base, um pedestal encimado pela arca, apoiada em quatro esferas. Se não existem dados no túmulo que possibilitem inferir a data de sua construção, ou quais seriam os amigos, já que nenhum foi nomeado, existem indícios que confirmam sua origem: uma arca tumular em pedra lioz procedente das oficinas de cantarias lusitanas.

No ano de 1842, é publicado o livro do médico Luiz Vicente De Simoni, com o longo título “*Gemidos Poéticos sobre Túmulos ou Carmes Epistolares, de Hugo Foscolo, Hypolito Pindemonte e João Torti, sobre os Sepulcros, traduzidos do italiano pelo Dr. Luiz Vicente De-Simoni, com outros do mesmo tradutor sobre a Religião dos Túmulos e sobre os Túmulos do Rio de Janeiro*”, impresso na tipografia de J. Villeneuve. A publicação inicia-se com poemas traduzidos por De Simoni e depois são apresentados dois poemas de sua autoria. Nesses poemas, ele apresenta sua visão da morte e relata a visita que fez aos templos do Rio de Janeiro, no Dia de Finados.

Desde o ano anterior, a obra era anunciada no *Jornal do Comércio*, da cidade do Rio de Janeiro, com a descrição do seu conteúdo. Avisava-se que o livro já estava no prelo e, que, caso possível, seria lançado na véspera ou no Dia de Finados. Não se destinava a todos os públicos, mas àqueles capazes de sentir dor pela perda de saudosos entes. De Simoni descreve o cemitério dos Ingleses, com suas mangueiras, localizado “na enseada onde o mar plácido dorme” (De Simoni, 1842, p. 82). Aos que foram sepultados nessa necrópole, deseja que tenham sono tranquilo, pois os considera infelizes por terem morrido em solo estrangeiro, longe da terra natal e sem os braços de um parente para embalar os últimos suspiros.

É possível que os visitantes que frequentavam a necrópole britânica e que teciam loas as suas belezas não mais o fizessem nos dias de hoje. Com o crescimento urbano, aterros foram feitos na cidade do Rio de Janeiro e o Cemitério dos Ingleses não mais é um vizinho tão próximo do mar. E os olhares dos atuais visitantes precisam de certo esforço para mirar o horizonte que foi encoberto pela atual Cidade do Samba.

Certamente, uma das principais questões em torno da preservação das necrópoles, erguidas no século XIX, é sobre o lugar, ou os lugares, da morte, nas sociedades contemporâneas. E será esse lugar ou lugares que determinará sua presença ou seu esquecimento. A cidade dos mortos erguida pelos vivos precisa de seus construtores para se manter viva no século XXI.

Notas

1 - Segundo Walsh, “O Imperador, cujo Palácio de S. Cristovão não fica muito distante do local, visita-o com frequência e admira muito o aspecto do cemitério” (Walsh, 1985, p. 221).

2 - Remeto-me às gravuras que foram reproduzidas no livro de Cardoso (1987).

3 - Disponível em: <<http://www.peterwestern.f9.co.uk/maximilia/pafg218.htm>>. Acesso em: 20 maio de 2008.

4 - “Far more numerous, however, were inscriptions which said nothing at all about the personal qualities of the deceased, but simply provided the basic facts of age at, and date of, death together with place of residence and names of closest relations” (Houlbrook, 2000, p. 196).

Fontes

Periódicos

Journal do Commercio, Rio de Janeiro, 27/11/1830, n. 88.

Journal do Commercio, Rio de Janeiro, 14/7/1834, n. 154.

Journal do Commercio, Rio de Janeiro, 10/10/1827, n. 10.

Journal do Commercio, Rio de Janeiro, 14/7/1834, n. 154.

Journal do Commercio, Rio de Janeiro, 09/10/1837, n. 223.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Jardim regado com lagrimas de saudade – morte e cultura visual na Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula* (Rio de Janeiro, século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

BAXANDAL, Michael. *O olhar renascente: pintura e experiência social na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart et al. *Histórias dos bairros: Saúde, Gamboa, Santo Cristo*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia, Editora Index, 1987.

CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Minerva, 1999.

DE-SIMONI, Luiz Vicente. *Gemidos Poéticos sobre Túmulos ou Carmes Epistolares, de Hugo Foscolo, Hypolito Pindemonte e João Torti, sobre os Sepulcros, traduzidos do italiano pelo Dr. Luiz Vicente De-Simoni, com outros do mesmo tradutor sobre a Religião dos Túmulos e sobre os Túmulos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tip. Villeneuve, 1842.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

HOULBROOKE, Ralph. The age of decency: 1660-1760. In: JUPP, Peter C.; GITTINGS, Clare, *Death in England: an illustrated history*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2000.

JUPP, Peter C.; GITTINGS, Clare. *Death in England: an illustrated history*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 2000.

KEISTER, Douglas. *Stories in stone. A field guide to cemetery symbolism and iconography*. Salt Lake City: Gibbs Smith, Publisher, 2004.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

NAVES, Rodrigo. *A forma difícil – ensaios sobre arte brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

Ordem inglesa. Disponível em: <http://buratto.org/gn_comendas.html>. Acesso em: 20 maio, 2008.

QUEIROZ, José Francisco Ferreira. *Os cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal*. Tese (Doutorado em História da Arte), Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. 2002.

Revista De Monumentos Sepulchraes, 1868.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos: tradições e transformações fúnebres no rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996.

STURKEN, Marita e CARTWRIGHT, Lisa. *Practices of looking: an introduction to visual culture*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

WALSH, R. *Notícias do Brasil (1828-1829) 2 v*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

Recebido em 27/06/2014